

## TRIO ELÉTRICO ONTEM E HOJE: POR ONDE ANDA O SOM DA VELHA GUITARRA BAIANA?

---

Jorge Moutinho

### POR QUE ESTUDAR O FENÔMENO TRIO ELÉTRICO?

O trio elétrico é um gênero musical? Um tipo de repertório carnavalesco? Um jeito de tocar que produz uma sonoridade bastante peculiar? Uma bem-bolada estrutura de palco móvel com potência sonora para ninguém botar defeito? Um extraordinário fenômeno de massa? Inicialmente podemos considerar o trio elétrico como uma mistura que ganhou o fermento de todos esses aspectos. Trata-se de um dos maiores fenômenos musicais e sociais de massa que já aconteceram no Brasil nos últimos cinquenta anos – e o fato é que a invenção dos baianos Dodô e Osmar, surgida em 1950, mudou para sempre as características do carnaval brasileiro.

Mas por que estudar o fenômeno trio elétrico? Para quem nunca viu de perto um trio desfilando no carnaval da Bahia, é difícil descrever exatamente o que isso representa, com sua profusão de cores, sons e energia. Para quem já foi mais de uma vez e acompanha de perto as transformações que ocorrem ao longo dos últimos anos, a festa ganha interesse especial. No entanto, a chamada “axé music” alterou o panorama musical carnavalesco – sem falar nos blocos afro que não gozam mais do mesmo prestígio de quando eram novidade, nos anos 70/80 –, e do seu som original quase nada mais resta. O Trio Elétrico de Armandinho, Dodô e Osmar é o único a conservar o estilo que lançou o gênero em todo o país, caracterizado pela sonoridade típica da guitarra baiana (ou pau elétrico, nome original) - espécie de bandolim eletrificado com cordas simples (sol-ré-lá-mi) - tocada por Armandinho (responsável pelos solos) e seu irmão Aroldo (base).

No ano 2000 a invenção de Dodô e Osmar completará cinquenta anos, duas gerações depois do primeiro desfile. Por sua exclusão do mercado fonográfico e pela fidelidade dos filhos de Osmar (além de Armandinho e Aroldo participam Betinho, no baixo, e André, como cantor) a uma sonoridade que cada vez ocupa menos espaço no carnaval da própria terra em

tada, auriverdecendo, em fortes e bandeirosos tons, o universo musical trieletrizado. Em outras palavras, o trio elétrico carnaliza brasileiromente este universo musical ao justapor a produção erudita com a de massa, neutralizando diferenças e derrubando fronteiras que são nítidas fora do elétrico caminhão.<sup>3</sup>

Devemos salientar ainda que o trio elétrico sequer é citado por José Ramos Tinhorão - um dos mais conceituados pesquisadores da música popular brasileira - no capítulo “Música de carnaval” de sua *Pequena história da música popular - Da modinha à lambada*.<sup>4</sup> Tentaremos, no entanto, dar ao trio a importância que merece na história da música popular brasileira.

## O REPERTÓRIO

Segundo o Aurélio, trio elétrico é todo “caminhão provido de aparelhagem de som ou música ao vivo, alto-falantes, e que executa, em geral em alto som e em movimento, sambas, frevos, forrós etc.” Reduzindo a definição à origem propriamente dita do trio elétrico, o que nos interessa é fazer uma abordagem da importância do trio elétrico como gênero que influenciou profundamente o carnaval brasileiro - e por que não a própria música popular - nos últimos quase cinquenta anos. Para isso, vamos nos fixar em aspectos da instrumentação e do repertório do Trio Elétrico de Armandinho, Dodô e Osmar.

O frevo pernambucano é a gênese do som do trio - afinal, foi o clube carnavalesco *Misto vassourinhas do Recife* que, se apresentando com seus frevos rasgados em Salvador às vésperas do carnaval de 1950, inspirou Dodô e Osmar a irem às ruas pela primeira vez. Mas a música já era atividade constante na vida dessa dupla, ainda que de forma amadora. Nos anos 30 havia na capital baiana o *Três e meio*, um conjunto vocal à moda do grupo carioca *Anjos do inferno*, sucesso na época. Tendo como fundador Dorival Caymmi, que deixaria a formação para seguir para o Rio de Janeiro, o grupo baiano contava com a presença de Adolfo Nascimento - o Dodô. Após diversas modificações o *Três e meio* ganhou a participação de Osmar Macêdo, o que serviria para fortalecer os laços da dupla que criaria o trio elétrico anos depois.

De acordo com Fred de Góes, datam da década de 30 as primeiras composições de Osmar. Ele era predominantemente um autor de chorinhos,

<sup>3</sup> Góes, F., *O país do carnaval elétrico*, Salvador: Corrupio, 1982, p. 53.

<sup>4</sup> Tinhorão, J. R., *Pequena história da música popular - Da modinha à lambada*, 6ª ed., São Paulo: Art Editora, 1991.

de ano”, o Trio Elétrico Tapajós – que foi fundamental para a fixação do gênero – reuniu numa mesma faixa a variedade de *Martim cererê* (Catimba e Gibi), samba-enredo de 1972 da escola carioca Imperatriz Leopoldinense; *Maria-vai-com-as-outras* (Toquinho e Vinícius de Moraes) - a dupla morou por algum tempo em Salvador, no início dos anos 70; o bolero *Quizás, quizás, quizás* (do repertório de Nat King Cole); e o frevo *Chuva, suor e cerveja* (Caetano Veloso) que, pode-se dizer, neste *pot-pourri* é a única música própria para o estilo do trio elétrico.<sup>7</sup>

## OS PASSOS

Pelo que foi exposto, o trio elétrico não é desprovido de interesse para estudo, como poderiam à primeira vista dizer aqueles que torcem o nariz para um gênero tão popular como esse. Diante do tema em questão, em vez de conclusão, termino este trabalho com a indicação de caminhos que poderão nortear a pesquisa que ora desenvolvo.

Está em pauta uma pesquisa de campo no próximo carnaval de Salvador, acompanhando a resistência do Trio Elétrico de Armandinho, Dodô e Osmar, quando o grupo está prestes a comemorar cinquenta anos de atividade. O roteiro de trabalho inclui, preliminarmente, questões como escolha e ordem de repertório (um desfile chega a durar seis horas), assim como elaboração de arranjos e questões técnicas referentes aos instrumentos (maneira de tocar, afinação, recursos como pedais utilizados para as guitarras baianas etc.). Através de entrevistas com os músicos, vamos detalhar: a evolução musical do trio e suas perspectivas; as dificuldades que enfrentam para colocar o caminhão na rua, já que o patrocínio é muito mais fácil para trios com artistas da chamada “axé music”, como Netinho ou Ivete Sangalo; e se existe alguma preocupação em registrar no papel o que está sendo tocado. Como *O país do carnaval elétrico* de Fred de Góes foi escrito no início dos anos 80, não está descartado fazer também uma atualização histórica do gênero, traçando um paralelo entre a situação do trio elétrico que ele então analisou e a de hoje em dia.

Com essa pesquisa espero contribuir para o registro de uma parte da história da música popular brasileira que, salvo pelo trabalho de poucos interessados – como Fred de Góes e Antonio Risério, no caso da música baiana –, não faz parte dos compêndios ditos acadêmicos. E vamos verificar, por fim, como funcionam hoje os versos de Moraes Moreira – o pri-

<sup>7</sup> Esta faixa, de mais de seis minutos, aparece na coletânea *Música popular do nordeste n° 1*, Discos Marcus Pereira, MPA n° 10063, indicada simplesmente por “Trio Elétrico (com o Trio Tapajós)”.

meiro cantor a soltar a voz de cima de um trio elétrico – em *Vassourinha elétrica*, composição lançada em 1980, que dizem:

É o frevo, é o trio, é o povo  
É o povo, é o frevo, é o trio  
Sempre juntos fazendo o mais novo  
Carnaval do Brasil.

compondo também muitos *passos dobles*, por influência da imigração espanhola na Bahia. *Pombo-correio*, que se tornaria um grande sucesso a partir de 1977, quando recebeu letra de Moraes Moreira, se inclui neste último gênero. No final dos anos 40 Osmar conheceu em São Paulo o violonista Garoto, com quem aprendeu guitarra havaiana e violão tenor - este último instrumento apareceu na formação original do trio com o nome de triolim. Fred de Góes enfatiza as conseqüências deste encontro:

Mais que uma influência, Garoto será a escola de execução seguida por Osmar e transmitida a seus filhos. Essa escola se evidencia nas elaboradas e velozes filigranas dos arranjos do trio elétrico, quando as guitarras dialogam em virtuosas e complicadas conversas.<sup>5</sup>

Uma dessas “conversas” é o *pot-pourri Desafilho*, famoso entre os apreciadores do gênero. Uma das características do repertório original do trio elétrico é a fusão de diversos sucessos, sejam da música popular ou erudita, sempre com a “levada” da guitarra baiana. Pois *Desafilho* envolve *Asa-branca* (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), *Dança das horas* (Ponchielli), *Luar do sertão* (Catulo da Paixão Cearense), *Fazer-fazer* (do baiano Broquinha), *Urubu malandro* (Lauro e João de Barro), *Moto perpétuo* (Paganini) e *Rapsódia húngara* (Liszt). Fazendo a “costura” entre essas músicas aparece *Ligação*, tema clássico do trio, com música de Dodô e Osmar e letra de Moraes Moreira.<sup>6</sup> Durante os desfiles era comum o “desafilho” propriamente dito, em que Osmar Macêdo e Armandinho duelavam com seus respectivos paus elétricos, tentando demonstrar ao povo quem tinha mais habilidade com o instrumento. Para fazer frente à destreza e à apurada técnica de Armandinho, Osmar, num toque de bom humor, executava seus solos tocando a guitarra baiana de costas, por sobre a nuca, e chegava a cobri-la com uma camisa, beliscando as cordas por cima do pano e conseguindo solar mesmo assim, para delírio do público. Eram pai e filho duelando simbolicamente, pois o que menos importava ali era saber quem tocava melhor, mas sim oferecer um caráter todo especial – e familiar – ao espetáculo.

Para dar outro bom exemplo de *pot-pourri* trioletrizado que inclui não só sucessos carnavalescos como as antigamente chamadas “músicas de meio

<sup>5</sup> Góes, F., op.cit., p. 27.

<sup>6</sup> Devemos observar que nas primeiras gravações do trio, que aconteceram na década de 70, a instrumentação básica era formada por três guitarras baianas (duas solo - Armandinho e Osmar - e uma base), uma guitarra comum, baixo e bateria. Nesta época somente nas apresentações havia reforço na percussão. Atualmente é impossível pensar o trio elétrico sem uma poderosa percussão.

que surgiu, é que considero importante estudar o fenômeno trio elétrico. Uma indagação básica que poderá servir de mote para a dissertação de mestrado que atualmente desenvolvo é a seguinte: por que a guitarra baiana, origem de tudo o que está aí hoje, perdeu sua vez nos outros trios, e quando houve esse rompimento?

## AS PISTAS

O carnaval baiano tem sido tema de muitos estudiosos nos últimos anos, incluindo músicos, cientistas sociais, historiadores, jornalistas e especialistas em comunicação, com diversos trabalhos publicados sobre o assunto, alguns dos quais servirão para o embasamento teórico da minha pesquisa. Sobre a origem do gênero, o compositor e estudioso da cultura baiana Antonio Risério garante que Dodô e Osmar não fizeram simplesmente uma cópia ou uma contrafação do frevo do Clube dos Vassourinhas do Recife:

Pelo contrário, eletrificando o frevo pernambucano (com um trio básico substituindo a orquestra, e instrumentos de corda em vez de naipes de metais) [Dodô e Osmar] foram fundo, criando algo absolutamente original na arte brasileira. E nada mais justo que tenha surgido o verbo 'trieletrizar' na língua brasileira.<sup>1</sup>

Risério comenta também sobre a instrumentação característica do trio elétrico:

A eletrificação do frevo é um dos mais instigantes capítulos da história da música popular brasileira, pra desespero dos tinhorões da vida (a eles, um aviso: barco encalhado não ganha frete). Sem ter conhecimento da guitarra elétrica, então já existente nos EUA mas inexistente no Brasil, os baianos como que inventaram pela segunda vez este instrumento, aqui batizado de 'pau elétrico', que evoluiria para a chamada 'guitarra baiana', de som próprio, característico, diverso do das guitarras norte-americanas.<sup>2</sup>

Fred de Góes, que faz um panorama geral da história da formação do trio na obra *O país do carnaval elétrico*, analisa a mistura de gêneros no repertório dos grupos:

A deglutição antropofágica redimensionadora do trio elétrico, com relação à produção musical, seja ela erudita ou popular, seja nacional ou estrangeira, reduz ao som do trio elétrico toda e qualquer composição por ele execu-

<sup>1</sup> Risério, A., *Carnaval ijexá*, Salvador: Corrupio, 1981, p. 113.

<sup>2</sup> Ibid.